



POVO ALGARVIO



SEMÁRIO REGIONALISTA — DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO: MANUEL VIRGÍNIO PIRES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ≡ RUA DR. PARREIRA, 13 ≡ TELEFONE 127 ≡ TAVIRA ≡ COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO ≡ TIPOGRAFIA «POVO ALGARVIO» ≡ TELEF. 266 ≡ TAVIRA

A União Faz a Força

★ Considerações a propósito de um Banquete

É bem conhecido a frase, e a máxima que ela exprime. Há até, no Sotavento do Algarve, certa Empresa de transportes colectivos, resultante da fusão de outras mais antigas, que dela fez seu lema e princípio director de actuação, e parece que com manifesto acerto e evidenciadas vantagens.

Pelo Dr. José Correia

(Continua na 3.ª página)

Falta Uma Placa Indicativa na nova Ponte Rodoviária DE TAVIRA

Em todas as pontes espalhadas por esse Portugal de Norte a Sul, estão afixadas placas com indicação do rio ou da ribeira que as mesmas atravessam, para orientação do transeunte. A ponte rodoviária de Tavira, que atravessa o Rio Séqua, não tem qualquer dístico que elucide o turista. Será porque a ponte ainda não foi inaugurada oficialmente?

realizado na CASA DO ALGARVE, em Lisboa

COMO estava programado, realizou-se no dia 29 de Maio o almoço de confraternização com a presença de várias dezenas de convivas, e de distintas Senhoras, almoço que decorreu num ambiente de elevada compostura, a que não faltou a acostumada e desopilante comunicabilidade algarvia. Presidiu o sr. Bráz Cabrita de Almeida Conde, presidente da Assembleia Geral, tendo como convidados de honra os srs. Dr. José Manuel

(Continua na 3.ª página)

Comemorações do Dia da Raça

À semelhança dos anos anteriores, vai a Nação homenagear, no próximo dia 10 de Junho, os membros das Forças Armadas, distinguindo em especial aqueles que, por actos de grande sacrifício e heroicidade, se têm salientado na defesa da integridade da soberania portuguesa em Terras do Ultramar.

(Continua na 3.ª página)

O Almoço de Confraternização Algarvia



Um aspecto da velha corredoura, ainda com o Teatro Popular, coberta de balões e enfeitada, durante a quadra festiva dos Santos Populares

Festejos dos Santos Populares

GRACAS à iniciativa do nosso município este ano vão realizar-se os festejos dos Santos Populares, com concurso de mastros, fogueiras de alecrim, iluminações de ruas, etc.

Vários grupos de tavirenses capricham, segundo nos informam, para dar às suas ruas a nota festiva do S. João, a relembrar os velhos arraiais de outrora.

Do «Alto do Cano» à «Ponta das Sete Ruas» e do «Alto de São Brás» ao «Largo de São Francisco», cada um dos moradores desses bairros da cidade procurará elevar o seu mastro típico, colaborando numa festa de carácter popular, numa iniciativa de promoção bairrista para comemorar o seu feriado concelhio que este ano se restaura.

Tavira vai recordar os seus velhos tempos, dos bailes de roda, das quermesses, das vistosas iluminações com balões à veneziana, combates de car-

(Continua na 2.ª página)

Basta Uma Criança

PARA JUSTIFICAR UMA ESCOLA

É a maravilhosa frase pronunciada há dias pelo sr. Professor Doutor Veiga Simão, ilustre titular da pasta da Educação, espírito desempoeirado, o Homem que teve coragem para enfrentar a reforma do ensino, ao receber da mão de duas crianças pobres, duas modestas cartas a solicitar a criação de escolas nos longínquos lugarejos onde residem.

Com um sorriso nos lábios, a ternura de uma carícia, o Ministro Veiga Simão prometeu criar as escolas para evitar que os seus pezitos calcorreiem léguas, para receber o pão do ensino, seguindo a grande máxima do padre António Vieira — «instruir é construir».

Estas considerações vieram a propósito da falta de escolas e postos de ensino que se verifica há já anos no concelho de Tavira. Segundo nos informam há crianças que frequentaram a 1.ª e 2.ª classe e que por motivo do encerramento das escolas e postos de ensino, nos lugarejos onde habitam, algumas delas já contam hoje 12 anos e nunca mais receberam instrução.

(Continua na 2.ª página)

TROVA

Que homem tão singular!
Nunca vi ninguém assim,
Já nada tem pra me dar
Mas anda a chamar por mim.

V. P.



Quando se Arrumará o Problema do Acesso à Turística Cascata dos Moinhos da Rocha?

É mais um problema que de há muito se vem arrastando e que só não caiu no domínio do esquecimento, como costuma acontecer com tantos outros, porque faz parte integrante do roteiro turístico do concelho, com fotografia estampada nos folhetos de propaganda.

Pois para qualquer pessoa chegar ao «Pego do Inferno», esse aprazível e poético recanto onde há frescura permanente e a cascata vem cair sobre o fundo azulino da ribeira, é um verdadeiro «inferno» para o turista que, sem caminho capaz, só lá pode chegar com licença do dono da propriedade adjacente.

É o que se chama turismo encravado.

(Continua na 2.ª página)

COISAS DO GUSMÃO INFRA-ESTRUTURAS

VINHAMOS da estação onde o Gusmão fora deitar uma carta para uns primos de Lisboa a quem pedia, segundo me disse, que lhe mandassem um cabaz de nêspersas.

— Nêspersas? — exclamei. — Mas se elas vão de cá?... — Pois é precisamente por isso. É fantástico, é inacreditável, mas é assim mesmo, — disse ele que continuou. — Não penses que isto é para me desferrar de eles no verão passado terem asilado quinze dias lá em casa com a voracidade de formigas brancas. Nada disso que eu não sou mesquinho. É que este ano ainda não pude matar a saudade de comer nêspersas à minha vontade. Marcha tudo em acelerado para Lisboa. Só fica a sucata que nos vendem mais caro que lá.

— Mais caro, an?

(Continua na 2.ª página)

PEÇO licença senhor Director para entrar na liça, muito embora oriundo de outras paragens acho que os titulares «T e Ego» não rejeitarão a minha companhia nessa tábola redonda da crítica ou da adulação às coisas ter-

CONVERSA DA SEMANA

COM LICENÇA

renas.

Embora nunca tivesse sido marinheiro, não por hidrofobia, mas por não ter aprendido a nadar, já me poderei agarrar ao pau do leme, que neste caso, tal como os velhos lobos do mar chamam, será o pau da conversa...

(Continua na 3.ª página)

CONVERSA DA SEMANA

Com Licença

Continuação da 1.ª página

Bons dias, boas tardes ou boas noites, depende da hora a que me lerem, os camaradas «T e Ego». A minha identidade pouco interessa, posso porém afirmar-lhes com toda a sinceridade, que não sou filho de pais incógnitos, que o meu nome de baptismo é Zé e que a minha mãe foi sempre um senhora honrada.

Feita esta necessária apresentação sem mesuras, para os progenitores da «Conversa da Semana» e para os leitores do «Povo Algarvio» tentarei, com a devida vénia, já previamente feita, escrever-lhes, em prosa descolorida, aquilo a que o bestunto me ajudar.

Não sou poeta nem prosador, não cultivo estilos nem regras gramaticais para manter diálogo, de vez em quando com os leitores deste jornal.

Nem sei por onde começar, pois há sempre um certo nervosismo quando pela primeira vez pisamos o palco porque a luz da ribalta atordoa-nos mas, tentemos a «chance».

Não falando de política nem de literatura, facetas de grande expansão, por onde havemos de começar?

O monólogo está difícil de recitar por não ter sido devidamente decorado e ensaiado e não quero fazer a figura do tal caixeiro-viajante, que numa reunião familiar, quis recitar um monólogo alegre de Pedro Bandeira, trocou os versos e acabou no «Noivado do Sepulcro» provocando estrondosas gargalhadas entre a assistência, quando no final, ao dar pelo erro, com grande laia, voltando-se para os circunstantes exclamou: parece incrível a forma como os senhores maltrataram tão poética união.

Há dias, embora o Carnaval já vá tão longe, correu céler a notícia de que o Hotel, que já perdeu o nome de D. Afonso III, nor se ter atrasado no acesso à pia baptismal, e que certamente dado o local do seu nascimento irá ter qual-quer outro nome ligado à realeza, procuraria em breve assentar arraiais, na pujança do seu traçado inicial, com toda a sua enorme gama de andares, as suas complicadas escadarias, os respectivos elevadores accionados por motores próprios, para evitar fiascos nas complicadas ascensões, como tem sucedido por cá, em que os mesmos são letra morta, ou para melhor dizer, meros motivos de adorno.

Elegante fachada, modernas e sólidas infra-estruturas, termo que agora ressalta de qualquer boca mesmo com dentadura postiça, à laia de perdígoto, com mais janelas que o Vaticano ou qualquer palácio das Mil e Uma Noites, ele irá surgir nos tenados da Horta d'El Rei.

O problema, que à primeira vista parece fácil e que tem justamente causado preocupações aos seus novos pais adoptivos, é o do nome.

Se o D. Afonso III foi para Viana do Castelo, nem o tal Gusmão que na escuridão da noite caiu na fossa das fundações será capaz de o baptizar de novo, a não ser com algum palavrão inconveniente.

Mas se é essa a única razão que se opõe à obra de tão luxuoso e útil imóvel, pelo tempo inútil que se perdeu, pelas horas de desespero que tem feito passar aos tavirenses, pelas batalhas que se têm travado, pelos vaticínios que se tem feito e até pelas já famosas lutas de capitais e pelas destemidas cavalgadas que se operaram, qual lenda de Alcaçer-Kibir, para não fugir à verdade histórica, alvitro que se chame «D. Sebastião».

Zé do Marco

Câmara Municipal de Tavira

EDITAL

Luís Filipe de Miranda Malheiro Távora,
Engenheiro Agrónomo e Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Tavira:

FAZ PUBLICO, em conformidade com a deliberação camarária de 19 de Maio de 1971, que na primeira reunião ordinária desta Câmara Municipal a realizar após o prazo de vinte dias da publicação do presente anúncio no Diário do Governo, pelas 15 horas, na sala das sessões do Município, terá lugar o concurso público para execução da obra de «E.M. 508 — REPARAÇÃO E BENEFICIAÇÃO DO LANÇO DA E.N. 125 (TAVIRA) e CURRAL DOS BOEIROS—2.ª FASE», sendo a base de licitação de 270 689\$00.

As reuniões desta Câmara realizam-se na primeira quarta-feira de cada quinzena do mês.

O depósito provisório é de 6 767\$20 e deverá ser feito na Caixa Geral de Depósitos, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia a preencher pelos próprios interessados.

O depósito definitivo será de 5 por cento da importância da adjudicação.

O programa de concurso, caderno de encargos e outros elementos que interessam à obra estão patentes, todos os dias úteis, durante as horas de expediente, nos serviços de obras desta Câmara Municipal.

Paços do Concelho de Tavira, 28 de Maio de 1971

O Presidente da Câmara,

Luís Távora

Eng. Agr.

A União Faza Força

(Continuação da 1.ª página)

Vem isto a propósito dos desejos, votos e protestos de união de todos os algarvios, manifestados, a quando da justíssima homenagem que a nossa Província acaba de tributar ao Ex.^{mo} Senhor Doutor Jorge Correia, ilustre deputado à Assembleia Nacional, pelo Algarve, em magna concentração no Hotel Eva, em Faro, onde cerca de trezentos convivas participaram num agradável e significativo jantar.

Aí se via, na presidência, o Ex.^{mo} Senhor Governador Civil do Distrito, Dr. Manuel Esquivel, por coincidência nem sempre verificada, também um ilustre algarvio, não só «iure sanguinis», como «iure soli», e até por méritos próprios.

Presentes ainda os outros Senhores Deputados à Assembleia Nacional pelo Algarve, vários Presidentes de Câmaras Municipais, muitos membros de Comissões da Acção Nacional Popular, alguns «patriarcas resignatários» da política e administração algarvias, e muito povo não qualificado, mas que ali foi, pagando cada um individualmente sua refeição, por amizade, apreço ou gratidão para com o homenageado.

Poder-se-ia dizer, com propriedade, que aquela reunião, constituiu verdadeira Assembleia dos Estados Gerais do Algarve, onde nem o clero faltava.

Pois, de tudo quanto presenciamos, observamos, ou em que participamos, o que mais nos impressionou, e bem, foi o apelo, à união de todos os algarvios, geral e constante, em quantos usaram da palavra, para saudar o homenageado, tecer seus elogios, ou expressar outros oportunos e adequados sentimentos.

Realmente não somos, os algarvios, muito dados entre nós. Nota-se na província, certa falta de coesão, com todos os inconvenientes que daí advêm, na política, na administração, na cultura, na economia, em suma, no progresso e desenvolvimento deste, não obstante, tão abençoado e encantador rincão nacional.

Situação esta que, sem dúvida, se deve, em parte, ao mosaico racial em que assentam as nossas estruturas étnicas. E até, porque não admitilo, por outro lado, a um certo saudosismo histórico dos tempos da dominação árabe, na qual, em determinado período, próximo da Reconquista, cada povoação mais volumosa em muralhas ou em habitantes, era sede de um principado.

E nem sempre, nesses tempos, houve, no território do nosso Algarve, um Príncipe Maior que aos restantes se impusesse.

Dal, talvez o espírito, menos submisso, de uma altivez parcialmente frustrada, mas bem democraticamente vinculada, das elites algarvias.

Seja como for, e até porque as conjunturas, nacionais e provinciais, a isso convidam, a todos os presentes, soam bem aqueles apelos à unidade.

Unidade de todos: de governantes e de governados! De dirigentes políticos e de dirigidos! De mentores culturais ou doutrinários, e de discentes ou destinatários de tal cultura ou doutrina! De empresários e de empregados! De homens de negócios e de todo o povo que gasta e consome!

Mas, para conseguir esta tão almejada unidade, bastará apregoá-la?

Chegará a simples ideia, mais ou menos presente no espírito de cada qual?

Ou antes, importa, como agora tanto se diz, que se estabeleça o prévio diálogo entre todos os algarvios, e se sigam as condutas e as actuações capazes de estabelecerem um clima de harmonia, de concórdia e comunhão, nos diversos sectores da vida do Algarve?

Isto, sem prejuízo, como é evidente, de que cada um, qualquer que seja o seu lugar e a função em que esteja integrado, realize a sua actuação própria e execute o seu papel.

Assim, aqueles a quem incumbe doutrinar e ensinar, devem fazê-lo, com clareza e determinação, com firmeza de pensamento e segurança no agir, de forma a que, em cada instante, todos saibam o que pensam, o que pretendem, qual a meta e os caminhos que preconizam.

De igual modo aqueles, que tem a seu cargo dirigir, devem fazê-lo, com conhecimento completo das circunstâncias dos casos, ouvindo não só os primeiros a quem compete doutrinar, como todas as pessoas que, dos mesmos casos, tenham fundado e seguro conhecimento, não só quanto às pessoas e às coisas, como quanto aos acontecimentos anteriores que acarretam as novas situações a decidir.

Devem admitir que antes dos que, hoje, existem e dirigem, já outros tiveram igual e difícil missão, e nela, por vezes, foram revezados, apenas, porque o desgaste e o cansaço são inerentes a todas as coisas humanas, que não por incompetência ou descuido nas acções.

Enfim, todos os demais, que nos restantes sectores da cultura, da economia, do mero convívio social do Algarve, participam, em qualquer posição ou qualidade, devem compreender que é do encontro, do mútuo conhecimento, da estima e da colaboração, que derivam o sucesso, o bem estar e o proveito colectivos.

Não basta, pois, em reuniões de elevado sentido e entusiasmos afectivos, cada qual proclamar e protestar que deseja a unidade, e bater palmas em apoio da ideia. Importa, sim, que vivamos, concretamente, em cada acto

nosso, de harmonia com ela. Só assim a mesma se tornará uma realidade.

Ora foi esta convicção que se arregou, na grande maioria dos presentes, e que, estamos certos, constituiu uma das maiores vantagens daquela concentração e daquela homenagem, que longe de se traduzir, apenas, na consagração de um ilustre algarvio, resultou num excelente pretexto para um exame de consciência, face à situação pre-existente de relativa e prejudicial divisão entre os algarvios.

Que o futuro se encarregue de nos trazer, brevemente, os frutos daquela espontânea, entusiástica e colectiva resolução, ali tomada, de nos reunir-mo-nos, em redor dos expoentes máximos, neste momento, do nosso velho e querido Algarve!

Então, resultará a força da nossa união.

José Correia

Comemorações do Dia da Raça

(Continuação da 1.ª página)

Na área da Região Militar de Tomar estas cerimónias terão lugar em Castelo Branco mas, dado o carácter Nacional de que elas se revestem e como um dos militares a condecorar está ligado ao Algarve, transcrevemos a seguir a Ordem do Exército:

Escola Prática de Engenharia
A CONSAGRAR

António Bento Formosinho C. Leal
Capitão de Engenharia

Naturalidade — S. Sebastião (Lagos)

Cópia — Ordem do Exército - 2.ª Série - n.º 5 referida a 1 de Março de 1971.

LOUVORES - Ministério do Exército — Repartição de Justiça e Disciplina. Por Portaria de 9 de Fevereiro de 1971.

Louado o Capitão de Engenharia António Bento Formosinho Cerreia Leal, pela forma brilhante e altamente eficiente como tem desempenhado todas as missões de que tem sido encarregado, em especial o comando da 2.ª Companhia de Engenharia, que organizou e manteve em trabalho, em regiões de intensa actividade inimiga, ininterruptamente durante o período de um ano, incluindo a época das chuvas. Em demonstração plena dos seus conhecimentos técnicos, de que soube tirar os melhores resultados práticos, e das suas qualidades natas de bom condutor de homens, de quem obtém sempre o melhor rendimento, vencendo permanentes e difíceis obstáculos na construção de itinerários e de pontes, entre as quais uma de 84 metros e outra de 92 metros de comprimento, conseguiu cumprir todas as missões atribuídas à sua companhia.

Oficial distinto, inteligente, disciplinado e disciplinador, desenvolvendo, sem desfalecimento, uma energia notável, modesto, cultivando as mais altas virtudes militares, desenvolvendo um perfeito espírito de corpo dentro da 2.ª Companhia de Engenharia, de muito difícil comando, devido ao regime de rotações constantes entre o seu pessoal, é o capitão de Engenharia Cerreia Leal merecedor que o seu nome seja destacado e que os importantes serviços prestados à Região Militar de Moçambique, em campanha, sejam considerados relevantes e distintos.

Modificação das condições de utilização de alguns comboios

Previne-se o público de que, desde o dia 1 de Junho, foram alteradas as condições de utilização, por passageiros de serviço nacional, dos seguintes comboios internacionais:

1003 e 1004 — (Sud Express);
1008 e 1202 — (Rápidos Irúm — Lisboa e Irúm — Porto);
2001 e 2004 — Lisboa — Expresso — TER);
2002 e 2003 — (Lusitânia Expresso).

Nestes comboios aos passageiros de serviço nacional, que serão admitidos sempre que haja lugares disponíveis, deixou de ser exigido o mínimo de percurso de 100 km. (continuando, porém, a serem devidos os correspondentes suplementos).

5011 — (Automotora Porto — Corunha): Em Porto (S. Bento), Porto (Campanhã) e Ermesinde, passou a admitir passageiros para Nine e além, desde que haja lugares disponíveis.

5018 — Automotora (Corunha — Porto): passou a admitir passageiros em e para todas as estações de paragem, desde que haja lugares disponíveis.

5018 — Automotora (Corunha — Porto): passou a admitir passageiros em e para todas as estações de paragem, desde que haja lugares disponíveis.

O ALMOÇO de Confraternização na Casa do Algarve

(Continuação da 4.ª página)

Teixeira Gomes Pearce de Azevedo e Eng.º Olias Maldonado, respectivamente Presidente e Administrador Delegado da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

Falou em primeiro lugar o presidente da Direcção da Casa do Algarve, sr. Dr. Maurício Monteiro que, depois de ter saudado e agradecido a presença dos seus convidados, frisou a necessidade de se sincronizar o estado sócio-económico-cultural da nossa província em face do choque evolutivo que o turismo lhe imprimiu. Saudou depois em termos revestidos de poesia as senhoras presentes. Dirigindo-se aos nossos comprouvianos solicitou-lhes uma maior comparsância e colaboração no progresso da Casa do Algarve. Discorrendo depois sobre a influência turística e do ambiente da terra onde se nasce na formação do homem, concluiu que todos devemos amar a terra em que nascemos, que no dizer de João de Deus é nossa Mãe também.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Neves Franco, Vice-Presidente da Direcção que, depois de ter saudado os dirigentes do turismo do Algarve apelou para o regionalismo e o amor dos algarvios pela sua província. Dissertou depois acerca da campanha e aliciamento de novos sócios pela oferta de três das mais importantes obras editadas pelas «Selecções Reader's Digest» a sua escolha. Disse que a razão de ser da sua recente nomeação para os serviços do turismo reside na acção devotada que tem tido pelos assuntos turísticos da nossa província, através da Casa do Algarve, tomando tal nomeação como um reconhecimento desses serviços prestados, durante anos, desinteressadamente, movido apenas pelo amor ao Algarve.

O sr. Dr. António de Sousa Pontes, vice-presidente da Comissão Cultural chamou a atenção das entidades, a quem de direito compete, para a secularização e ao destino que deram ao Convento S. António em Loulé, onde repousam os restos mortais de duas grandes figuras históricas, que foram donatários da Quinta de Quarteira, hoje Vila Moura. O sr. Dr. Sousa Pontes também pediu que fosse criado no Algarve uma Comissão Regional de Economia que, tal como sucede com a Comissão Regional do Turismo promovesse efectivamente a Floresta da Terra Algarvia de onde resultaria uma mais-valia de 700 mil contos por ano, conforme estudo já feito pela Direcção Geral dos Serviços Florestais.

Foram por alguns sócios invocados os saudosos e ilustres Conscios falecidos, Major Mateus Moreno e Dr. Humberto Pacheco para futuras homenagens a serem-lhe prestadas.

Os srs. Dr. José Manuel Teixeira Gomes Pearce de Azevedo e Eng.º Olias Maldonado agradeceram conhecidos o convite e a forma como foram recebidos prometendo ambos, cada um na esfera que lhes foi confiada pelo governo da Nação trabalhar pelo progresso da nossa Província do Algarve.

Encerrou por fim a sessão agradecendo a todos a sua presença e a forma como decorreu o almoço, o sr. Bráz de Almeida Conde, presidente da Assembleia Geral.

TOTOBOLA

40.ª jornada — 13/6/71

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Famalicao — Vizela	. . . 1
2	Varzim — Braga	. . . 1
3	Guimarães — Riopele	. . . 1
4	Espinho — Penafiel	. . . 1
5	U. Coimbra — Gouveia	. . . 1
6	Lamas — Sanjoanense	. . . 1
7	Académica — B. Mar	. . . 1
8	U. Tomar — Tramagal	. . . 1
9	Marinhense — T. Novas	. . . 1
10	Atlético — Oriental	. . . 1
11	Torriense — Sintrense	. . . 1
12	Peniche — Benfica (R)	. . . 2
15	CUF — Barreirense	. . . 1

V. P.

FUTEBOL

O ALGARVE na Taça Ribeiro dos Reis

No passado domingo, o Olhanense deslocou-se ao Seixal, onde foi derrotado por 4-2 e o Portimonense venceu em casa o Sesimbra por 3-0.

No próximo domingo defrontam-se o Olhanense — Setúbal e o Portimonense, em jogo particular, defronta a equipa alemã do Wattenscheid, cujo encontro está a despertar grande interesse.

